Publicado em:

António Marujo / Rui Paulo da Cruz

a Senhora de Maio – Todas as perguntas sobre Fátima, Temas e Debates e Circu-lo de Leitores, Lisboa 2017, 169 – 173

Entrevista com Peter Knauer SJ

**Quando se esperam aparições, haverá aparições**

*Depois da revelação, do acontecimento de Jesus Cristo, ainda é necessário, para a fé cristã, que aconteçam aparições e visões privadas?*

São João da Cruz ensina-nos que Deus nos disse tudo o que tinha que nos dizer através de Jesu Cristo, e por isso não há que esperar outras novas revelações. As chamadas «revelações privadas» são, digamos, formas de visualização daquilo que já sabemos por Jesus Cristo.

*Mas o próprio São João da Cruz e Santa Teresa tiveram experiências de êxtases místicos. Pode fazer-se uma comparação entre estes êxtases e as aparições?*

O que os místicos fazem, o que descrevem nas suas experiêncías, é, simplesmente, o que está contido na fé cristã. Por exemplo, a mística trinitária de Santo Inácio consiste, precisamente, em saber e em ver que Deus pôs os cristãos junto ao seu Filho. Eu diria que toda a fé cristã consiste em apoiar-nos na palavra de Jesus, que nos diz que participamos na sua relação com Deus. A nossa fé consiste em dizer que Deus nos ama, com esse mesmo amor com que ama o seu próprio Filho desde toda a eternidade.

*Isso quer dizer que as aparições deveriam ser tomadas como não autênticas pela teologia?*

Há alguns anos, um professor de Psicologia das Religiões, na Suécia, chamado Hjalmar Sundén, fez a seguinte comparação: numa ilha havia uma prisão de alta segurança; dois presos conseguiram fugir mas a polícia sabia que ainda estavam na ilha; na ilha havia uma pequena cabana com armas, que eles tinham assaltado e, portanto, a polícia sabia que estavam [170>]armados. Um oficial, com um pequeno grupo de soldados, cercou as margens da ilha. Num determinado momento, o oficial vê, num arbusto, uma espingarda que lhe está apontada, esconde-se, mas nada se move. Passados dez minutos resolve mostrar-se e nada se move. Tratava-se simplesmente de uma garrafa, no arbusto, que el tomara por uma espingarda, porque tinha o receio de gente armada, estava precavido contra isso e, por isso, interpretava tudo nesse sentido. Isto nada tem que ver com fraude ou mentira, mas ele, simplesmente, viveu-o assim.

Numa cultura em que todas as pessoas piedosas têm esperança que lhe apareçam os santos, essas pessoas terão aparições e, apesar de as aparições não serem contrárias à fé - são antes maneiras de visualizar a nossa crença -, elas não são nada de novo. Parece-me muito mais importante que encontremos Deus, a nossa comunhão com Deu , em cada missa, se recebemos a eucaristia. Não há maior união com Deus. Pessoal-mente, não teria muito interesse em fazer peregrinações a lugares de aparições. Não tenho nada contra isso, fazer uma peregrinação é uma coisa boa, pode ser um tempo dedicado à meditação da fé, mas nada mais tem de sobrenatural.

*Diz que o importante para os cristãos devia ser a palavra de Jesus Cristo. Mas a maior parte das vezes estes fenómenos propagam uma série de devoções, como é o caso do Rosário e dos primeiros sábados, que não são o essenciaL e fundamental ...*

Não tenho nada contra a recomendação de rezar, mas não são novas revelações. Por isso não lhes atribuo muita importância. Podem ser autênticas, no sentido em que as pessoas que viveram essas aparições o fazem com muito boa intenção. Mas trata-se visualiazações daquilo que elas já receberam na fé na Igreja.

*Poderá dizer-se que a Igreja é uma organização e também um aparelho que organiza a fé, não apenas os crentes ou a sua vivência? Será que a hierarquia da Igreja necessita destes fenómenos para transformar o cristianismo num fenómeno de grandes massas?*

Certamente que não. Há gente que tem muita devoção a esses fenómenos, mas a tarefa da Igreja é transmitir a palavra de Deus, transmitir a fé que consiste em receber o Espírito Santo, esta [171>]fé em que dizemos que o Pai fala através do Espírito do Filho. Eu diria que toda a criação é da razão, e não da fé. Só é objecto da fé a nossa comunhão com Deu, a autocomunicação que Deus faz de si.

*Como vê a decisão de beatificar os videntes de Fátima?*

Se se pensa que eram pessoas muito boas, que os beatifiquem! Tenho a impressão de que, nestes últimos anos, as beatificações e canonizações estão um pouco inflacionadas ...

*Os beatos são duas crianças, o que também é novo.*

Não tenho nada contra que se beatifiquem também crianças, se essas crianças foram crentes. Ma estas coisas não fazem muito sentido.

Também está em causa que a Igreja, quando beatifica alguém, diz que essa pessoa é um modelo para os crentes.

Sim, já na festa de Todos-os-Santos, não são apenas os canonizados que são modelos para o crentes. Todo o crente que tenha vivido segundo a fé é modelo para os outros. Não é preciso canonizá-los, isso são coisas de muito pouca importância.

*Conhece a história de Fátima. O que pensa da questão da Rússia, que muitos associavam a Fátima?*

[172>]Isso não tem nada que ver com revelações divinas. São esperanças humanas que esse país se converta, e alegramo-nos se o faz. Mas isso não é objecto da fé.

*Então não acredita que a Virgem tenha falado da Rússia?'*

Penso que essas pessoas manifestaram boa esperanças para a Rússia, e isso é muito bom.

Que pode significar a conversão da Rússia?

O mesmo que significa a conversão da China ou da AImanha. Nós, os cristãos, trabalhamos para transmitir esta palavra de reconciliação. O ministério da Igreja consiste em transmitir o que Deus nos disse: deixarmo-nos reconciliar com Deus. É essa a missão da Igreja. Nós, os cristãos, sabemos em que consiste a salvação do mundo inteiro, não há outra salvação senão Ia que é anunciada pela Igreja, que consiste em sermos integrados no amor do Pai pelo Filho, de Deus para com Deus.

Assim, o amor de Deus por nós não tem a sua medida em algo criado, mas sim no Filho. Por isso, a nossa comunhão com Deus é o nosso ponto de partida e não de chegada. O nosso ponto de partida é que, amados por Deus, podemos viver de outra maneira que não sob o medo que é gerado pelas nossa próprias

coisas - um medo, em última análise, pela nossa própria vida, que depois tanto nos impede de viver em solidariedade com os outros.

*Há também aparições na Alemanha e noutros lugares. Isto irá repetir-se sempre na história da lgreja?*

[173>]Se a pessoas contarem com a posibilidade da aparições, haverá sempre aparições. Eu tomo-as como formas de visualizar aquilo em que acreditamos, mas não têm mais sentido do que isso.

*Não são também uma resposta a uma necessidade social e não apenas uma necessidade individual?*

Correspondem também a tensões sociais. Só num clima em que alguns contam com aparições haverá aparições. É, sobretudo, um fenómeno sociológico.

*Pode-se dizer que é uma confirmação da fé ingénua de muitas pessoas?*

Sim, é como se fizernos um retábulo com a ressurreição ou a descida do Espírito Santo. É uma maneira de aprofundar a nossa fé que pode, também, tomar a forma de aparições. Não se trata de engano, mas de maneiras de visualizar o que convence o coração. O importante é que o que Deus revela não são estas coisas, mas sim que Deus se revela, se comunica, no assegura que estamos em comunhão com le, relativiza este temor que temos, naturalmente, por nós mesmos, porque somos vulneráveis e efémeros, e portanto, essa é a raiz de todas as desumanidades. A fé quer vencer esse medo que o Homem tem de si mesmo, dá uma certeza maior, uma certeza que é válida na vida e na morte. É isso que agradecemo à fé. A mim parece-me muito mais impor-tante comungar com devoção do que interesar-se muito por aparições.

*A aparição aparece sempre a falar a lingua dos videntes. Isso não é também uma forma de as nações, as culturas, se afirmarem?*

Sim, não posso visualizar a minha fé a não ser na minha propria língua. O importante é viver na comunhão com Deus, que nos ama com o mesmo amor com que ama o seu próprio Filho, e quem tem isso tem tudo.

Peter Knauer

padre iesuita e especialista em teologia fundamental

entreuista realizada em Frankfurt, em Março de 2000.